

O SÁBADO NO LIVRO DE APOCALIPSE*

*Jon Paulien***

Um dos ensinamentos mais divulgados pelos Adventistas do Sétimo Dia é que a questão central no conflito final da história do mundo diz respeito ao mandamento do sábado no decálogo. Os adventistas crêem que os habitantes da terra terão que escolher um dia entre o culto ao Deus Verdadeiro no dia de sábado e o culto a um deus falso em um outro dia.

Contudo, tal ensinamento tem sofrido crescentes ataques, tanto de dentro da Igreja quanto de fora dela. Como muitos adventistas perceberam que o termo sábado não ocorre em parte alguma do Apocalipse, alguns deles vieram a questionar se esse ensino tem base bíblica ou se é fundamentado unicamente nos escritos de Ellen White. Além disso, a questão em si quanto à oposição entre sábado e domingo parece ter perdido a relevância para as pessoas do mundo de hoje. Se se indagar a uma pessoa comum nas ruas se o sábado ou o domingo seria o dia correto de adoração, essa pessoa provavelmente responderá:

– Se vocês cristãos brigam por coisas tão irrelevantes, então para que serve ir à igreja?

Num ambiente tão negativo quanto a um ensino da Igreja, eu pensei que seria adequado fazer uma reanálise do sábado no livro do Apocalipse. Há uma base exegética para a declaração de que o sábado é uma questão central na crise final da história do mundo? O autor do Apocalipse nos aponta a direção do sábado na crise final ou os adventistas têm defendido essa posição sem uma justificativa bíblica?

A Linguagem da Alusão

Para compreendermos essa questão, é necessário entender uma característica básica do livro do Apocalipse. O Apocalipse está cheio da linguagem, idéias, lugares e pessoas do Antigo Testamento. Embora se trate de um livro do Novo Testamento, a estrutura lingüística básica do Apocalipse se fundamenta nas experiências do povo de Deus como estas se encontram registradas no Antigo Testamento. Sendo assim, muitas pessoas deixam de perceber, em plenitude, a mensagem do Apocalipse porque elas não levam em consideração a natureza veterotestamentária de sua linguagem.

Mas aqueles que buscam compreender as raízes veterotestamentárias do Apocalipse logo encontram um problema considerável. O livro nunca cita o Antigo Testamento, ele somente alude a ele com uma palavra aqui, uma frase ali e um nome

*Este artigo é a tradução de uma palestra apresentada pelo autor na I Conferência Bíblica de Jerusalém, realizada em Israel de 9 a 14 de Junho de 1998.

**John Paulien, Ph.D. é professor de Novo Testamento na Andrews University, EUA.

acolá. Embora seja essencial identificar as referências veterotestamentárias no Apocalipse, pode ser bastante difícil reconhecer exatamente quando seu autor pretende aludir ao Antigo Testamento. Estratégias rigorosas precisam ser empregadas para garantir que o intérprete do Apocalipse compreenda o significado real do texto sem lhe impor qualquer significado externo ao texto.

Eu escrevi minha própria dissertação de doutorado acerca das sete trombetas do Apocalipse. Poucos assuntos poderão ser mais desafiadores. Eu logo descobri que faria pouco progresso com respeito às trombetas sem uma estratégia consistentemente bíblica para determinar as raízes veterotestamentárias das passagens. Primeiro, eu vou apresentar essa estratégia brevemente e, depois, vou ilustrá-la mais detalhadamente.

Uma Estratégia para Avaliar Alusões

Primeiro, utilize os rodapés da Bíblia, os comentários, as concordâncias e as listas de alusões (como as listas que aparecem no texto grego padrão de Nestle-Aland); com essas informações, crie uma lista de alusões em potencial (que essas várias fontes admitem ocorrer em uma determinada passagem do Apocalipse em referência ao Antigo Testamento). Essa lista não deve ser aceita sem criticismo, mas deve ser criteriosamente avaliada da forma como sugiro a seguir.

Em segundo lugar, coloque a passagem selecionada do Apocalipse lado a lado com as várias passagens do Antigo Testamento em sua lista. Tente identificar paralelos verbais, temáticos e estruturais entre o Apocalipse e cada uma das passagens veterotestamentárias que estão sendo avaliadas.

Em terceiro lugar, pese essa evidência verbal, temática e estrutural para determinar se há uma alusão (uma referência intencional do autor a um contexto específico na literatura anterior) ao Antigo Testamento ou meramente um eco (uma referência não intencional baseada no conhecimento geral do autor acerca da literatura anterior e/ou sua influência no ambiente do autor).

Em quarto lugar, aplique os “insights” apropriados ao texto do Apocalipse. Se o autor estiver conscientemente aludindo ao Antigo Testamento, ele deve assumir que o leitor está familiarizado com o texto específico do Antigo Testamento e seu contexto mais amplo. Seria essencial para o intérprete, em tal caso, que ele estivesse atento à alusão e ao impacto de seu contexto na passagem do Apocalipse. Se o autor estiver meramente fazendo eco ao texto do Antigo Testamento sem pretender, conscientemente, fazê-lo, o intérprete deve se acautelar para não importar o contexto veterotestamentário que o autor do Apocalipse não tinha em mente. Em outras palavras, pode-se falhar na interpretação do Apocalipse de duas formas: ignorando o papel do Antigo Testamento na linguagem do autor ou excessivamente valorizando tal papel.

A título de exemplificação de como o Antigo Testamento tem impacto na interpretação de um texto do Apocalipse, pode-se mencionar Apocalipse 13:1-2.

Essa passagem contém uma alusão fascinante ao Antigo Testamento: "Vi emergir do mar uma besta, que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso, e boca como boca de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade." A maioria dos eruditos bíblicos presume que Apocalipse 13 se baseia em Daniel 7 onde quatro bestas saem do mar. Vamos avaliar esse ponto de vista.

Daniel 7 descreve quatro animais que saem do mar: um leão, um urso, um leopardo e um monstro bizarro e indescritível com dentes de ferro e dez chifres na cabeça. Já que o leopardo é caracterizado com quatro cabeças, essa quadrilha tem um total de sete cabeças. Esses animais também têm um total de dez chifres. Lembra-se da besta de Apocalipse 13? Assim como as bestas de Daniel 7, ela sai do mar. Além disso, ela tem características de leão, urso e leopardo. Ela tem sete cabeças e dez chifres, um nítido paralelo com o total de cabeças e chifres das quatro bestas de Daniel 7. Parece claro, portanto, que Apocalipse 13:1-2 tem pôr base a visão de Daniel 7.

Paralelos Verbais, Temáticos e Estruturais

As coisas, no entanto, dificilmente se apresentam tão claramente em Apocalipse. Como, então, avaliar o pano de fundo veterotestamentário do Apocalipse quando a evidência é menos clara do que no caso de Apocalipse 13? Para tal, é necessário que se coloque o texto de Apocalipse lado a lado com a possível fonte do Antigo Testamento. É preciso compará-los cuidadosamente, buscando três tipos de evidência: paralelos verbais, paralelos temáticos e paralelos estruturais entre os textos.

Os paralelos verbais ocorrem quando há palavras de destaque em comum entre a passagem do Apocalipse e a possível fonte do Antigo Testamento. Palavras menos importantes como preposições, conjunções e artigos definidos geralmente não contam. Quanto mais palavras em destaque as duas passagens tiverem em comum, mais provavelmente o autor tenha tido a intenção de chamar a atenção do leitor para o Antigo Testamento a fim de que ele aplique o significado veterotestamentário a sua compreensão do Apocalipse. No exemplo de Apocalipse 13 e Daniel 7, os paralelos verbais são "mar," "leão," "urso," "leopardo," "cabeças" e "chifres." Esse é um dos paralelos mais fortes com o Antigo Testamento em todo o livro do Apocalipse.

Os paralelos temáticos podem ocorrer entre passagens mesmo quando há somente uma palavra (e, às vezes, nenhuma palavra) em comum entre elas. Paralelos temáticos envolvem um paralelo de tema ou idéia, não necessariamente assinalado por palavras paralelas. Em si mesmos, os paralelos temáticos são o mais fraco dos três tipos de evidência em favor de uma alusão direta. Em Apocalipse 13 há um

paralelo temático com Daniel 7 em termos de animais que saem do mar e representam poderes mundiais.

Os paralelos estruturais ocorrem quando várias palavras e temas de uma seção do Apocalipse aparecem em paralelo com um contexto específico do Antigo Testamento. Esses paralelos estruturais com o Antigo Testamento fornecem, de modo geral, forte evidência em favor das alusões intencionais nos detalhes mais específicos do texto apocalíptico. Exemplos de paralelos estruturais bem organizados em Apocalipse incluem o uso do texto de Ezequiel (em Apocalipse 4, 7 e 17-22); o uso de Daniel em Apocalipse 5, 13 e 17; o uso de Gênesis 3 em Apocalipse 12; as pragas de Êxodo nas trombetas e nas pragas apocalípticas, e a queda da antiga Babilônia em Apocalipse 16-19. Em Apocalipse 13, há numerosos e marcantes paralelos com Daniel 7, embora eles não ocorram exatamente na mesma ordem. Nas duas passagens bestas emergem do mar, sete cabeças e dez chifres estão envolvidos e referências são feitas a um leão, um urso e um leopardo.

Em conclusão, enquanto que o uso que o autor faz do Antigo Testamento no livro de Apocalipse é mais ambíguo do que gostaríamos que fosse, uma atenção cuidadosa às palavras, temas e estruturas dentro daquele livro pode nos aproximar muito das intenções originais do autor quanto a seu uso do Antigo Testamento e, portanto, oferecer-nos uma visão mais clara de como o autor gostaria que suas palavras fossem interpretadas.

O Contexto de Apocalipse 12 e 14

Voltemos agora à questão que motivou este artigo: o papel do sábado na crise final da história deste planeta. O texto básico acerca deste assunto, no livro de Apocalipse, é o capítulo 12 verso 17. Ali encontramos uma descrição da guerra entre o dragão e o remanescente, uma guerra que é pormenorizada em Apocalipse 13 e 14. Em certo sentido, Apocalipse 12:17 é um resumo antecipado da crise final como um todo. Assim, os capítulos 13 e 14 servem como uma exegese e um desenvolvimento da declaração básica feita em 12:17: Apocalipse 13 pormenoriza a guerra do dragão e Apocalipse 14 elabora acerca do caráter e da mensagem do Remanescente.

O dragão faz guerra contra o Remanescente no capítulo 13. Ele busca o auxílio de dois aliados no conflito, um emerge do mar e o outro emerge da terra. Os três protagonistas (o dragão, a besta do mar e a besta da terra) formam uma trindade iníqua que busca contrafazer a obra da verdadeira Trindade. O dragão contrafaz a obra de Deus, o Pai; a besta do mar, a obra de Deus, o Filho; e a besta da terra, a obra do Espírito Santo. Essa tríplice e iníqua aliança ataca o Remanescente na batalha final.

Qual é a questão básica em tal ataque? Os capítulos 13 e 14 não nos deixam qualquer dúvida. Em sete ocasiões diferentes (Ap 13:4, 8, 12, 15; 14:9, 11), o texto desses capítulos fala sobre a adoração do dragão, sobre a adoração da besta do mar e sobre a adoração da imagem da besta. A questão na crise final da história deste

planeta é claramente uma questão relativa à adoração. Em contraste com esse apelo que é proferido sete vezes para que adoremos a iníqua trindade ou a imagem da besta, há um único apelo, nesses capítulos, para que adoremos a Deus (Ap 14:7). O chamado para adorar “Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” torna-se, portanto, a afirmação central de toda essa seção do Apocalipse e, talvez, o apelo central de todo o livro. Tudo o que está escrito nos capítulos 12-14 focaliza esse chamado para a adoração. A adoração é, de forma patente, a questão central envolvida na derradeira crise da história deste planeta.

Um aspecto interessante é que a linguagem dessa afirmação central se baseia nas expressões encontradas no quarto mandamento, em Êxodo 20:11. Ali é declarado que “em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há...” Esses dizeres se encontram refletidos em Apocalipse 14:7 – “Adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” O ponto central e nevrálgico da descrição apocalíptica da crise final é uma alusão direta a Êxodo 20. A atenção ao mandamento do sábado é, portanto, a resposta ideal ao chamado final de Deus para a adoração e, da mesma forma, a resposta ideal aos sete apelos que a besta faz para a adoração da trindade iníqua.

Os Paralelos de Apocalipse 14:7 com o Antigo Testamento

Paralelos verbais. Nesse ponto, leitores argutos podem suscitar uma objeção. Como podemos saber que o autor do Apocalipse conscientemente pretendia que o leitor compreendesse uma alusão ao quarto mandamento exatamente aqui (Ap 14:7) em sua narrativa? O Salmo 146:6 não contém exatamente a mesma linguagem de Êxodo 20? Como podemos saber que João estava citando Êxodo 20 e não o Salmo 146? Ele não poderia estar aludindo ao referido salmo, em cujo caso não haveria referência alguma ao quarto mandamento?

Essa é uma argumentação válida. O Salmo 146:5-6 afirma: “Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, e cuja esperança está no Senhor seu Deus que fez os céus e a terra, o mar e tudo quanto neles há, e que guarda a verdade para sempre.” Isso se aproxima muito de “adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7). Com efeito, na Septuaginta (uma tradução grega do Antigo Testamento disponível no período neotestamentário), as palavras do Salmo 146:6 (Sl 145:6, na Septuaginta) são praticamente as mesmas encontradas em Apocalipse 14:7. Portanto, há fortes paralelos verbais em Apocalipse 14 tanto em relação a Êxodo 20 quanto ao Salmo 146, com uma pequena vantagem talvez para o Salmo 146.

Paralelos temáticos. Contudo, os paralelos verbais são apenas um tipo de evidência em favor de uma alusão consciente ao Antigo Testamento em Apocalipse. Os paralelos temáticos e estruturais são também importantes. Há paralelos temáticos entre Apocalipse 14:7 e Êxodo 20? Sim. Os primeiros quatro dos dez mandamentos (Êxodo 20:3-11) contêm três motivações para a obediência. Primeiramente, há a

motivação da salvação. O preâmbulo do decálogo (Êxodo 20:2-3) diz: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.” Nossa obediência deve ser uma resposta ao que Deus já fez por nós. Em segundo lugar, há a motivação do juízo. O segundo mandamento fala acerca de visitar “a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração” (Êxodo 20:5). Isto é, há conseqüências para a desobediência. Finalmente, em terceiro lugar, há a motivação da criação. “Porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou” (Êxodo 20:11). Deus criou o homem e sabe o que é melhor para ele. Portanto, há três motivações para a obediência na primeira parte da lei: salvação, juízo e criação.

As mesmas três motivações ocorrem no contexto de Apocalipse 14:7. Apocalipse 14:6 fala de um anjo que proclama “o evangelho eterno”. Aqui vemos o tema da salvação. Em Apocalipse 14:7 encontramos também o tema do juízo: “Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juízo.” E, anteriormente, já havíamos visto o tema da criação em Apocalipse 14:7: “adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” Sendo assim, Apocalipse 14:6-7 tem as mesmas três motivações que induzem a uma mesma reação as quais encontramos na primeira tábua da lei (isto é, nos quatro mandamentos que normatizam a relação entre a criatura e o Criador): salvação, juízo e criação. E, além disso, esses ocorrem na mesma ordem em que aparecem em Êxodo 20!

Alguns desses temas ocorre no Salmo 146? Sim. Ali aparece o tema da salvação: “Não confieis em príncipes, nem em filho de homem, em quem não há auxílio... Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, e cuja esperança está no Senhor seu Deus” – vs. 3 e 5. Há também ali o tema da criação: “que fez os céus e a terra, o mar e tudo quanto neles há” – v. 6. Há ainda o tema do juízo: “que faz justiça aos oprimidos” – v. 7. Os paralelos temáticos com o Salmo 146 são, portanto, tão fortes quanto aqueles com Êxodo 20, mas não na mesma ordem. Sendo assim, pode-se afirmar que há forte evidência em favor de ambos contextos no Antigo Testamento, mas há uma ligeira vantagem para Êxodo 20, sob a perspectiva de que os temas ocorrem na mesma ordem em Apocalipse 14 e Êxodo 20.

Paralelos estruturais. Isso nos conduz à busca de paralelos estruturais. Examinemos, agora, a evidência estrutural de Apocalipse 12-14. Os dez mandamentos, dos quais Êxodo 20:11 é uma parte, parecem ser uma estrutura principal subjacente a toda essa seção do Apocalipse. O remanescente é caracterizado, entre outras coisas, como sendo aqueles que “guardam os mandamentos de Deus” (Apocalipse 12:17; 14:12). Entretanto, a questão, aqui, não envolve os mandamentos de forma indiscriminada. O ponto nevrálgico se centraliza no aspecto da *adoração*. E, especificamente, esse aspecto é enfocado na primeira tábua do decálogo (isto é, nos quatro primeiros preceitos): os mandamentos que dizem respeito a nosso relacionamento com Deus.

Quando se compreende essa realidade, não é surpreendente que, em Apocalipse 13, as bestas contrafaçam não apenas a Trindade, mas também cada um dos quatro primeiros mandamentos do decálogo. O primeiro mandamento declara: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20:3), mas a besta que emerge do mar pretende tomar o lugar de Deus ao receber adoração (Ap 13:4, 8). O segundo mandamento adverte-nos com respeito à adoração de imagens, no entanto, a besta que emerge da terra erige uma imagem a fim de ser adorada (Ap 13:14-15). O terceiro mandamento diz: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão”, mas a besta do mar “abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome” (Ap 13:6).

O quarto mandamento diz: “Lembra-te do dia de sábado.” Os tablets que continham os antigos pactos eram lacrados com selos estampados sobre eles. Tais selos eram um sinal de propriedade e autoridade. Uma vez que o decálogo segue a forma desses antigos tablets de concerto, ele também tem um selo de propriedade e autoridade estampado sobre ele – o mandamento do sábado: “Porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia do sábado, e o santificou” (Êx 20:11).

A declaração acima é a única contida nos dez mandamentos em que é declarado o fundamento da autoridade de Deus sobre toda a criação: *Ele é o Criador*. De igual forma, o conceito do selo é importante também em Apocalipse: os 144 mil são selados em suas frentes (Ap 14:1; cf. 7:3-4; Êx 31:13 e 17). A trindade iníqua oferece também uma contrafação do selo, a marca da besta (Ap 13:16-17). Destarte, todos os quatro mandamentos da primeira tábua do decálogo sofrem ataque por parte da trindade iníqua de Apocalipse 13. A primeira tábua da lei está no centro do conflito entre o dragão e o remanescente.

Essa série de conexões verbais e temáticas entre o conteúdo dessa parte do Apocalipse e passagens relacionadas aos dez mandamentos, indica que um importante paralelo estrutural dá-se em relação ao decálogo, especialmente no que tange à porção que diz respeito à relação entre o adorador e a Divindade. Essa evidência estrutural oferece um apoio incontestável à probabilidade de que o significativo paralelo verbal entre Apocalipse 14:7 e Êxodo 20:11 tenha sido intencional. Não há absolutamente nenhuma relação entre Apocalipse e Sl 146 que se assemelhe a essa.

A evidência cumulativa é tão forte que um intérprete bem pode afirmar que não há nenhuma alusão direta ao Antigo Testamento (em Apocalipse) que seja mais certa do que a alusão ao quarto mandamento em Apocalipse 14:7. Quando o autor de Apocalipse descreve o apelo final de Deus à raça humana no contexto do engodo do tempo do fim, ele o faz em termos de um chamado à adoração do Criador no contexto do quarto mandamento.

A Questão da Relevância

Não obstante, ainda que biblicamente correto, faz qualquer sentido ver o sábado como uma espécie de questão definidora na crise final da história deste planeta? Por que Deus escolheria esse tipo de questão como centro focal da crise escatológica?

No centro da questão está o fato de que o sábado é uma forma ideal de testar se as pessoas são, de fato, leais a Deus. O mandamento sabático é diferente dos outros nove. Todos os demais têm uma fundamentação racional motivada pelo interesse próprio: afinal de contas, os princípios da segunda tábua do decálogo são mesmo a legítima base de governo em muitos países. "Não matarás" é uma lei lógica para qualquer um que não queira morrer. "Não furtarás" faz perfeito sentido para qualquer um que queira proteger suas propriedades adquiridas com muito esforço pessoal. Mandamentos assim são racionais e chegam até a apelar a uma certa parcela de interesse próprio. A mesma coisa acontece com os três primeiros mandamentos, que dizem respeito a nosso relacionamento com Deus. Se Deus é quem Ele alega ser, não faz sentido adorar a nenhum outro.

A única parte do decálogo que não é lógica é o mandamento de adorar no sábado em vez de em qualquer outro dia da semana! Tal mandamento é tão destituído de lógica que as pessoas seculares o acham até difícil de considerar seriamente, pois não vêem nenhum benefício ou interesse próprio em tal princípio. Afinal de contas, ninguém conseguiu até hoje demonstrar qualquer base científica ou racional para se considerar um dia mais especial para Deus do que os demais. O sol brilha e a chuva cai de igual maneira tanto no sábado quanto no domingo. Guardar o sábado requer que confiemos em Deus mesmo quando os cinco sentidos nos informam que não há nenhuma razão lógica para fazer isso. O sábado representa, escatologicamente, aquilo que a árvore do conhecimento do bem e do mal representava no princípio. O fruto da árvore era, provavelmente, tanto palatável quanto nutritivo. A única razão para não comê-lo era o fato de Deus o ter proibido.

Assim é com o sábado. A única razão de preferir o sábado ao domingo é porque Deus assim o ordenou, não há nenhuma outra explicação. Aceitamos o sábado respaldados unicamente pela palavra de Deus, pois cremos que as Escrituras são um relato confiável da mente e da vontade de Deus. O sábado é, portanto, um bom teste de nossa fidelidade a Deus e Sua Palavra. As Escrituras são um registro tão fiel das ações de Deus no passado quanto das realidades futuras no tempo do fim. É porque cremos nas Escrituras que damos crédito àqueles eventos do tempo do fim por elas descritos.

Em conclusão, o Apocalipse pinta o fim do mundo como tempo de um grande engodo mundial, que vai transcender os cinco sentidos, mesmo entre o povo de Deus. Entretanto, aqueles que crerem, aceitarem e seguirem os reclamos da Palavra de Deus, esses não perderão o rumo durante esse tempo de derradeiro engodo.

Traduzido, do manuscrito original em Inglês, por Milton L. Torres.